

A ASCENSÃO DOS *MGNIS* E O GOSTO PELO LIVRO IMPRESSO

THE RISE OF *MGNIS* AND TASTE FOR PRINTED BOOK

Enoque Reis¹
Martha Holanda da Silva²
Kyldes Batista Vicente³

RESUMO: A leitura é uma das melhores formas de desenvolver a capacidade linguística, cognitiva e afetiva de um ser humano. Deve ser trabalhada com a criança desde muito cedo e a Literatura Infantil é uma das melhores opções para isso. A quantidade de materiais voltados para o público infantil tem aumentado gradativamente ao longo da história e, nos últimos anos, tem sido bastante procuradas conforme pesquisas da Associação Nacional de Livrarias (ANL), que apontam ainda, que a área que mais cresceu em 2010 foi a infanto-juvenil. Aproveitando este crescimento, grandes empresas multinacionais de entretenimento começaram a investir na produção de *MGNIS*, os quais têm ganhado o espaço que antes de seu surgimento era exclusivamente dos livros. Com base na pesquisa realizada neste trabalho acadêmico, foi possível perceber que a maioria das crianças entrevistadas está perdendo o gosto pelo livro impresso e optando por esses novos materiais. O que pode estar fazendo com que esse fenômeno aconteça é o fato de os pais, no atual século, estarem perdendo o costume de ler para os seus filhos e os professores estarem trabalhando de maneira incorreta com essas ferramentas. Os atuais educadores precisam estar preparados para saber lidar com esses materiais que têm cada vez mais atraído a atenção dos educandos. É mister que os docentes entendam que é possível, se os *MGNIS* forem utilizados de maneira correta, fazer com que o discente sinta desejo de ler os materiais impressos que foram iterados através dos *MGNIS*. Se a educação evoluiu, o educador não pode cair na obsolescência.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil. Livros. Leitura. Educação.

ABSTRACT: Reading is one of the best ways to develop a human being's linguistic, cognitive and affective capacity. It must be worked with the child from a very early age and Children's Literature is one of the best options for this. The amount of materials aimed at children has gradually increased throughout history and, in recent years, has been highly sought after according to research by the National Association of Bookstores (ANL), which also point out that the area that grew the most in 2010 was the juvenile. Taking advantage of this growth, large multinational entertainment companies began to invest in the production of *MGNIS*, which have gained the space that before their emergence was exclusively for books. Based on the research carried out in this academic work, it was possible to perceive that most of the children interviewed are losing their taste for the printed book and opting for these new materials. What may be causing this phenomenon to happen is the fact that parents, in the current century, are losing the habit of reading to their children and teachers are working incorrectly with these tools. Current educators need to be prepared to know how to deal with these materials that have increasingly attracted the attention of students. It is essential that teachers understand that it is possible, if the *MGNIS* are used correctly, to make the student feel a desire to read the printed materials that were iterated through the *MGNIS*. If education has evolved, the educator cannot fall into obsolescence.

KEYWORDS: Children's Literature. Books. Reading. Education.

¹ Possui graduação em Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário La Salle - Unilasalle de Lucas do Rio Verde (2018). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Pedagogia.

² Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Cuiabana de Educação e Letras. Especialista em Administração e Planejamento para Docentes (Ulbra). Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB) na área de concentração Educação e Comunicação. Atualmente é docente no curso de Licenciatura em Pedagogia no Unilasalle de Lucas do Rio Verde, e coordena as atividades de pós-graduação.

³ Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), Graduada em Letras e Mestre em Letras e Linguística (UFG). Realizou estudos de pós-doutoramento em Letras e Linguística (UFG) e atualmente é professora da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) e do Centro Universitário ITOP (Unitop). Integra o projeto Figuras da Ficção, colaborando no Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa, do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa científica vem discorrer acerca de um assunto atual e ascendente no ramo da literatura infanto-juvenil, trata-se de materiais que trazem em sua composição, textos que outrora foram impressos em livros. Esses materiais têm ganhado espaço nas escolas de todo o país e são usados de maneiras diferentes por cada profissional da educação. Nessa pesquisa receberão uma sigla específica, para que se torne mais prática e, ao mesmo tempo científica a leitura do texto. A sigla que representa esses materiais é denominada como *MGNI* e, por vezes aparecerá no texto como *MGNIs*, em sua forma plural.

A sigla *MGNI* é definida como Materiais Gráficos Não Impressos. Esses, são materiais relacionados a grafia que não são publicados em sua forma escrita. Tais materiais são impalpáveis, impossibilitando seu manuseio. Os *MGNIs* reproduzem através de filmes de curta e longa-metragem, artigos literários que já foram impressos. Podem ser citados como *MGNIs* as produções de filmes infantis que iteram, através de animações, clássicos da literatura infanto-juvenil já publicados em livros, revistas e histórias em quadrinhos, como os eternos clássicos “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida”, “A Gata Borralheira”, “Branca de Neve” e “Rapunzel”, dos Irmãos Grimm.

O texto traz explicações acerca do crescimento da circulação desses materiais e as possibilidades de interferências no gosto pela leitura impressa. Com base em grandes estudiosos da área da literatura infanto-juvenil, serão abordadas as diferentes épocas da literatura e, para tanto precisa-se conhecer o maior dos protagonistas da formação literária: o ser humano.

O ser humano é uma das criaturas mais fantásticas existentes neste planeta. Se difere dos demais não pela sua capacidade de mover-se sobre os dois pés, ou por sua capacidade de mastigar os alimentos, ou por causa dos pelos existentes no seu corpo. Não. Conforme Vasconcelos (2012), o ser humano se difere dos demais animais existentes no planeta, em concordância com o pensamento dos gregos da Antiguidade, por sua capacidade de raciocinar.

A capacidade de raciocinar é também essencial para a sobrevivência humana na terra. O cérebro humano, altamente desenvolvido, é o órgão responsável por facultar tal capacidade e permitir à humanidade pensar muito além dos demais componentes do Reino Animal.

O cérebro humano é o mais completo e complexo mecanismo existente no mundo.

Bear, Connors e Paradiso. (2008), afirmam que ele contém cerca de 86 bilhões de neurônios. Esses neurônios trabalham no envio de comandos através do sistema nervoso central para que o corpo humano execute diferentes tarefas. De um simples movimento nos dedos até uma lembrança de um acontecimento de 30 anos atrás, tudo é controlado pelo cérebro.

Pesquisadores do mundo inteiro, em sua grande maioria, tendem a concordar com a afirmação de que a leitura é o melhor exercício para o cérebro, pois através da leitura as sinapses são formadas e o conhecimento adquirido passa a ficar gravado na memória humana. O pesquisador argentino, naturalizado brasileiro, Ivan Izquierdo, é um dos tais que confirma tal afirmação dizendo que "a melhor recomendação possível para o exercício da prática da memória é ler, ler e ler" (IZQUIERDO, 2004, p. 51).

O desenvolvimento cerebral ocorre de diferentes formas, mas é através da leitura que a imaginação se desenvolve e fica melhor a cada dia. Antunes (2012, p. 59) afirma que “é entendido que a leitura é um fator necessário para a condição criativa da criança”. Portanto, quanto mais se praticar a leitura, melhor será o resultado do desenvolvimento do imaginário infantil, pois a imaginação está ligada diretamente com a criação (VIGOTSKY, 2009).

Sabendo-se que trabalhar a leitura no âmbito educacional, é uma tarefa que produz grandes resultados nos ditames referentes ao desenvolvimento linguístico do ser humano e que, segundo Zilberman (2003), a linguagem interliga a criança ao mundo, é, portanto, essencial trabalhar com materiais adequados para o público pueril e, para tanto, os lítero-infantis estão sem dúvida entre os mais indicados.

A Literatura Infantil é por assim dizer, de uma forma bem superficial, um conjunto de leituras que têm como foco principal as crianças. Entretanto, para Parreiras (2009, p.47) a literatura é entendida como “[...] expressão artística, a arte das palavras; como uma manifestação de sentimentos, sensações, impressões e como a expressão lírica de um artista da palavra”.

Uma das características da Literatura Infantil é a de desenvolver na criança a capacidade imaginativa, ou seja, fazer com que a criança dê vida a determinada situação ou personagem, por meio da sua mente. A imaginação por sua vez, é um dos pilares fundamentais da criatividade; sem ela, a criatividade não pode existir. Tal afirmação é facilmente constatada nas palavras de Vygotsky (2009, p. 14), o qual reitera que “tudo que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia”.

É possível perceber a importância da imaginação no processo criativo ao analisar o trecho final da afirmação do autor, o qual enfatiza que ela é a base da criação de tudo que o homem produziu com suas próprias mãos. sem imaginação, nada no mundo poderia ser significativo. “Sem imaginação, nós nunca poderíamos fazer sentido da nossa experiência. Sem imaginação, nós nunca poderíamos raciocinar para o conhecimento da realidade” (JONHSON, 1987, *apud* SANTANA, 2006, p.34). Portanto saber lidar com a imaginação pode proporcionar ao educador a possibilidade de auxiliar o aluno na consolidação do processo criativo, essencial para sua vida.

O crescimento do público infantil tem levado grandes empresas multinacionais de entretenimento a investirem na produção de Materiais Gráficos Não Impressos (*MGNIs*), o que tem atraído a atenção de crianças em todo o mundo. Esse crescimento dos *MGNIs* tem, de forma hipotética, a tendência de fazer diminuir a procura e o uso dos materiais infantis impressos. Ao levar-se em consideração tal informação, surge uma dúvida pertinente: é possível afirmar que as crianças no futuro poderão perder o gosto pela leitura impressa?

O presente texto científico tem como principal finalidade identificar a probabilidade de as crianças no futuro perderem o gosto pela leitura impressa. Buscar-se-á fazer uma análise histórica acerca da Literatura Infantil, além de mostrar o contraste entre o livro impresso e os *MGNIs* e entender a influência da Literatura Infantil no desenvolvimento linguístico da criança.

O tema abordado é importantíssimo, pois traz, aos futuros professores e professoras, uma discussão sobre algo bem atual e crescente que é o avanço das produções cinematográficas de obras infantis. Com o crescimento da produção de tantos *MGNIs* no mercado de entretenimento infantil, faz-se necessária uma melhor compreensão do quanto esses materiais têm evoluído e o quanto eles podem afetar no gosto das crianças pelos livros impressos. É preciso saber que as crianças podem optar por materiais filmográficos e deixarem a leitura impressa de lado, o que poderia afetar no seu desenvolvimento linguístico de maneira positiva ou negativa.

Durante o trabalho de estágio remunerado foi possível perceber a maneira como eram utilizados os materiais que foram abordados nesta pesquisa, mas foi na realização do estágio obrigatório, que ficou bem mais evidente o quanto os colegas professores fazem uso desses materiais. A maneira como consolida-se o uso, foi fator fundamental de motivação para o desenvolvimento dessa pesquisa, pois aos docentes ingressos, ingressantes e egressos dos cursos de formação docente, os quais irão lidar diretamente com tais materiais, é essencial

tomar ciência da importância do bom uso e exploração deles.

2 OS PRIMEIROS PASSOS DA LITERATURA

A palavra literatura tem sua origem no termo latino *litteris*, que significa letras. Ao destringir-se um pouco mais a palavra, pode-se constatar que letras são símbolos e, que ao serem combinados uns com os outros, formam as palavras. Embora a escrita esteja diretamente ligada à literatura, quando as palavras são simplesmente escritas, elas não são necessariamente literaturas. Para Romero (1960, p. 58) a literatura é vista e entendida quase sendo a própria cultura. As palavras do autor retratam com clareza a comparação feita ao afirmar que para ele “a expressão literatura tem a amplitude que lhe dão os críticos e historiadores alemães. Compreende todas as manifestações da inteligência de um povo: – política, economia, arte, criações populares, ciências [...]”.

Entretanto para Coelho (2000, p.16), “ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo”. A autora retrata que a Literatura, seja ela oral ou escrita, é essencial para o desenvolvimento do ser humano, pois possibilita a transmissão da cultura. Ela compreende a literatura como sendo um veículo pelo qual a cultura é transmitida de geração para geração.

Ao analisar-se a história, pode-se perceber que os primeiros registros da escrita não podiam –e nem podem ser– concebidos como sendo exatamente literaturas, pois a literatura de todos os povos é constituída através da oralidade; precisa-se, portanto, que haja uma narração. Um exemplo, que é perceptível ao longo da história, são os mitos, que surgiram mesmo antes da escrita. Portanto, não se pode conceber qualquer diálogo ou texto como sendo literatura, ao menos não em se tratando da literatura na sua tradução artística, pois a narrativa desse tipo de material precisa conter recursos que sejam ao menos capazes de refletir e despertar, em quem lê ou escuta, emoções diversificadas.

Em relação à narração, Roland Barthes emprega tanta importância a ela que afirma que “não há em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas; e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente” (BARTHES, 1973, p. 20).

A importância da oralidade na transmissão de cultura é tão expressiva, que Jucá (2003, p. 40) afirma que “os relatos orais simbolizam um precioso recurso de transmitir informações acerca das experiências sociais ou mesmo de divulgação do conhecimento adquirido”. A

transmissão oral, dada através da narrativa, é, portanto, uma das partes constituintes da propagação da cultura dos povos e, propriamente dito, da literatura.

Um dos maiores desafios de qualquer pesquisador da área, é saber exatamente quando surgiu a literatura. Entretanto essa é uma tarefa impossível; e a razão disso é bem simples: muitos materiais se perderam com o tempo. Além disso, a extinção das culturas que detinham conhecimento acerca do tema também dificulta essa datação. No entanto, sabe-se de algumas obras que datam de milênios atrás, como por exemplo a Epopeia de Gilgamesh, de aproximadamente 2000 a.C. e a obra intitulada como livro dos mortos, do Antigo Egito, de aproximadamente 1600 a.C.

A literatura tem enorme importância no desenvolvimento da humanidade, pois contribuiu no registro da sua identidade e história. Por esse motivo a literatura pôde ser dividida em vários períodos e gêneros. Para fim de delimitação do tema proposto, a seguir serão abordados de forma bem restrita, a saber no Brasil, alguns períodos da literatura voltada ao âmbito infantil.

3 A LITERATURA ADULTISTA NO BRASIL

A Literatura Infantil nem sempre teve espaço no Brasil, pois ao longo de muitos séculos, não somente aqui, mas em todo o mundo, a criança era vista como uma miniatura de um adulto. Esse panorama só veio a tomar rumos diferentes, de acordo com Zilberman (2003, p. 15), “[...] ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia a infância”. Entretanto, mesmo depois de a Literatura Infantil ter ganhado espaço a partir do século XVII e durante o século XVIII, as obras literárias ainda eram, em sua maior parte, voltadas para o público adulto nesse período da história.

O período seguinte, século XIX, politicamente falando, foi um período que vivenciou diferentes momentos. Tem seu início com a busca da libertação do Brasil da Coroa Real Portuguesa. Em seguida têm-se o Primeiro Reinado; a Regência Trina; o Segundo Reinado, que durou quase meio século e, após, a tomada do poder pelos republicanos, a era da República (COSTA, 2016). Obviamente, todos os acontecimentos políticos causaram reflexos na educação e, conseqüentemente, na literatura.

Os movimentos literários que predominaram durante o século XIX foram o Indianismo, a Prosa Romântica, o Naturalismo, o Parnasianismo, o Realismo, o

Romantismo, o Simbolismo e o Pré-Modernismo. A literatura neste período é voltada para a busca da valorização dos problemas sociais.

4 O SÉCULO XX: MONTEIRO LOBATO, O DIVISOR DE ÁGUAS

Em meados do século XX, surgia no Brasil a figura, que sem dúvida alguma, transformou e reformulou a Literatura Brasileira, trata-se de José Renato Monteiro Lobato, que mais tarde trocava de nome, por desejar usar uma bengala de seu falecido pai que possuía as iniciais J.B.M.L, tornando-se, então, José Bento Monteiro Lobato, vulgo Monteiro Lobato.

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, no dia 18 de abril de 1882. Na Literatura, é considerado um autor pré-modernista e alcançou sucesso com diversas obras, entre elas a sua de estreia, *Urupês* (1918). No entanto, sem dúvida nenhuma, a sua obra que mais merece destaque é um dos contos mais conhecidos da Literatura Infantil, o *Sítio do Pica-pau Amarelo*. Tal obra tornou o autor reconhecido no país e em todo o mundo. Lobato é reconhecido por muitos como o Pai da Literatura Infantil Brasileira, pois ele foi uma espécie de divisor de águas da Literatura no Brasil. Segundo Gregorin (2009, p. 21),

Durante muitos anos no Brasil, a literatura se deteve como público-alvo os adultos, fazendo que boa parte da população não tivesse acesso, isto é, o público infanto-juvenil. Um marco fundamental para essa transformação foi no século XX, quando coube a Monteiro Lobato a fortuna de ser, na área de Literatura Infantil, o divisor entre o Brasil de ontem e o Brasil de hoje [...].

Pode-se perceber claramente, através do autor, que Monteiro Lobato revolucionou a forma como era concebida a literatura no país, criando espaço para um novo público: o infanto-juvenil. Lobato deu um novo rumo para a Literatura Brasileira; suas contribuições foram essenciais, para que o desenvolvimento e a criação de grande número de obras voltadas para tal público, surgissem posteriormente.

As grandes contribuições de Monteiro Lobato refletiram em um futuro não muito distante. Na década de 1930, a semente plantada por ele começou a germinar, fazendo com que surgissem dezenas de novos escritores que dariam continuidade a essa nova forma literária; é o que se pode perceber nos tópicos subsequentes.

4.1 A literatura infantil nas décadas de 1930 e 1940

As obras de Monteiro Lobato contribuíram para o forte crescimento das produções literárias infanto-juvenis no país. No entanto, nas décadas de 1930 e 1940, o país vivenciou

mudanças tanto sociais, quanto econômicas e educacionais. Fatores externos como a Segunda Guerra Mundial e a queda da Bolsa de Valores nova-iorquina e internos como a tomada do poder por Getúlio Vargas, através de um golpe conhecido como Estado Novo.

A década de 30 é considerada aqui como limite pelas modificações políticas, econômicas e sociais ocorridas no cenário nacional — em estreita relação com o cenário internacional — e que se refletiram na configuração das instituições voltadas às questões de educação e saúde, como também na sua política (KRAMER, 1995, p. 56).

Nesse período, conforme relatado pela autora, o contexto político foi fundamental para a promoção de novos modelos de administração na área da saúde e da educação. A Literatura Infantil, na década de 1930, ganhou espaço e, agora passou a fazer parte, definitivamente, da realidade das escolas. A demanda pela produção desse tipo de material passou a ser maior, fazendo com que grandes escritores voltados para a área surgissem. Isso pode ser reiterado nas palavras de Gregorin, ao relatar que

Na década de 30 foi criado o Ministério da Educação e Saúde, possibilitando diversas transformações no contexto educacional. Nesse âmbito a Literatura Infantil também, se impõe às autoridades como um sério problema a ser equacionado. Isso implicou em uma nova política educativa e com a crescente rede escolar, cresceu também, a produção de Literatura Infantil (GREGORIN, 2009, p. 23).

Nos anos subsequentes, especificamente na década de 1940, a Literatura Infantil foi bastante influenciada pelas obras literárias trazidas de outros países, principalmente europeus; os padrões literários começam a se diversificarem e um espaço foi aberto para novas formas de obras literárias voltadas para o público infantil. Isso fica bem claro na afirmação de Coelho (1991, p.241) ao expressar que

Na década de 40, a Literatura Infantil começa a apresentar-se em forma quadrinizada, com suas histórias de super-heróis, séries detetivescas e aventuras que resultavam da fusão entre o maravilhoso e a ciência. Nessa linha, destacamos escritores de sucesso mundial como o inglês Arthur Conan Doyle, criador do mais famoso detetive de todos os tempos: Sherlock Holmes.

A literatura nesse período, mesmo ainda havendo foco na imposição de valores morais, tinha uma característica mais pedagógica, pois o que se pautava era a escolarização e a necessidade do uso de materiais exclusivamente infantis, o que fez com que a produção deles crescesse rapidamente. Devido a esse fato, a missão dos novos autores não era de conquistar o mercado, mas de cativar, de manter o público interessado (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984).

4.2 Século XXI: a literatura contemporânea

O século XXI é marcado pelo forte crescimento tecnológico e, junto a esse crescimento, uma invenção que ganhou fama com os irmãos Louis e Auguste Lumière⁴ também evoluiu e ganhou bastante espaço, trata-se do cinema. Conforme Chalton e MacArdle (2017, p. 117), “A partir de 1910, o cinema se tornou a forma mais popular de entretenimento de massa, e muita gente nos países ocidentais frequentava salas de exibição”. Observa-se, portanto, que essa importante ferramenta de entretenimento já fazia grande sucesso há muitos anos. Entretanto, no século XXI, a evolução da tecnologia, máquinas modernas de computação gráfica e o forte crescimento da globalização, os quais proporcionaram transmissões a nível mundial, fizeram com que o cinema se tornasse acessível a todos.

Nesse período da história, as produções literárias não somente são impressas, mas começam a “ganhar vida” na tela dos cinemas. Grandes produções cinematográficas, baseadas em histórias já publicadas em livros, tornam-se filmes de curta e longa-metragem. Foi nesse momento de oportunidades que as grandes indústrias do entretenimento mundial começaram a investir no público infantil, contando as histórias criadas por grandes autores da Literatura Infantil, como os Irmãos Grimm, criadores de um dos maiores contos da história, Chapeuzinho Vermelho, que mais tarde virou filme produzido por Walt Disney, um dos maiores produtores e empresários do mundo do entretenimento.

Essa forma de produção que busca estresir uma obra literária que já foi publicada em sua forma impressa, na forma de filmes de curta ou longa-metragem, é aqui denominada *MGNI*. O aumento dessas produções tem gerado adeptos e fanáticos em todo o mundo. Crianças, jovens e adultos têm cada vez mais buscado conhecer, ou mesmo ver suas histórias favoritas iteradas através de filmes. Sagas como *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer e *Harry Potter*, de J. K. Rowling, estão entre os livros mais marcantes segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró Livro (FAILLA, 2016), bem como entre as adaptações cinematográficas mais vendidas no mundo. A quantidade de exemplares de livros publicados pode até ser calculada, no entanto, a tangibilidade de pessoas que já assistiram aos longas-metragens do das sagas são incontáveis, pois a internet somada a pirataria, tornam impossível de se saber o número de espectadores.

⁴ Os irmãos Auguste e Louis Lumière, dois engenheiros franceses nascidos em Besançon na década de 1860, que dirigiam uma fábrica de instrumentos ópticos e material fotográfico fundada pelo pai, Antoine Lumière, no final do século XIX, são considerados como os criadores do Cinématographe (em português, Cinematógrafo) e, portanto, os “pais do cinema” (SABADIN, 2018).

4.3 O livro impresso versus MGNIs

O ser humano em decênios, centênios e milênios vivia em um mundo sem internet, sem telefone, sem computadores, sem nenhum tipo de tecnologia. Sobrevivia, essa seria a palavra. Nos dias atuais a vida em sociedade torna-se quase impossível sem algumas dessas ferramentas mencionadas. Entretanto, para que todas essas ferramentas, que facilitam a vida e encurtam a distância entre países e pessoas viessem a existir, foi necessário que o homem desenvolvesse uma de suas maiores habilidades, a de imaginar.

Através da imaginação, aquilo que não existia vem à existência. Foi somente com o passar dos anos que a mente humana foi evoluindo e o homem começou a colocar em prática tudo que imaginava. O fogo, instrumentos cortantes, meios de transporte, equipamentos para arar a terra etc.; o homem virou uma máquina de inventar e, tudo isso graças à imaginação.

Com o tempo o número de pessoas foi aumentando e, junto com esse aumento, a necessidade de se organizar em sociedade. Foi então que o ser humano percebeu que necessitava formular símbolos linguísticos para facilitar o entendimento de todos e deixar gravada a palavra falada. É nesse instante que surge a escrita.

Para escrever, o ser humano primitivo utilizava-se de pictografias, que é o tipo de escrita expressa por cenas ou objetos desenhados. No entanto, esses desenhos eram feitos, especialmente nas cavernas ou em pedras; isso precisava mudar... e mudou. A mente humana mais uma vez, pelo poder da imaginação, fez surgir uma nova invenção: o papel.

Com o papel, o envio de informações e a comunicação entre povos, tribos e indivíduos ficaram mais facilitados. Através do papel, transações de compra, venda e troca tornaram-se mais simples. O papel também foi essencial para o aprimoramento dos livros e tornou-se o propagador de algo muito importante para o ser humano, a leitura.

A importância que a leitura tem na formação linguística do ser humano é simplesmente grandiosíssima. A percepção do desenvolvimento total, do ser humano que muito lê, é muito clara. A leitura ajuda tanto no desenvolvimento linguístico, quanto no cognitivo. Frank Smith ressalta a dificuldade que os cientistas têm em definir uma área específica do cérebro responsável pela leitura, pois segundo ele “muitas áreas do cérebro entram em atividade quando lemos” (SMITH, 1989, p. 9).

O livro é uma das mais antigas traduções transcritas do pensamento e da linguagem humana. O que se escreve é o que se pensa, ou o que se viu, ouviu ou se vivenciou. E aqui está um dos maiores benefícios da leitura o de desenvolver a imaginação. A imaginação é

fruto da mente humana e é potencializada na medida em que a leitura é praticada; isso na visão de muitos neurocientistas.

É imprescindível que se incentive o ser humano, desde ainda pequeno, na infância, ao ato de ler. Entretanto, é ideal que se saiba escolher bem o que se irá trabalhar com a criança. Criança é um ser imaginante e um livro voltado para o público infantil necessita ser diferenciado, pois as crianças possuem um “mundo” diferente do adulto; precisa ser algo mágico e que proporciona infinitas possibilidades por meio do texto e/ou imagem, fazendo com que a criança tenha uma experiência ímpar.

O trabalho com literaturas infantis cresceu bastante no último século, e, de maneira contígua a esse crescimento, novas formas de materiais surgiram, como os chamados MGNIs. Materiais esses que não se utilizam da impressão, mas da virtualidade para mostrar, ao público infantil, contos e histórias que estão e/ou foram impressos em livros, jornais, revistas ou *HQs*⁵.

O crescimento desse tipo de material tende a deixar sempre uma grande dúvida no ar acerca da obstrução ao desenvolvimento da imaginação, pois o que os produtores desses materiais fazem é transformar uma história com um leque de opções imaginativas em uma imaginação já pronta, no caso, a do diretor cinematográfico, que é expressa através dos personagens e cenas contidas nesses materiais. Os produtores desses filmes usam traços destacados do personagem da literatura e os reproduzem através de imagens. O que de fato deve ser considerado é que o leitor pode ter uma outra forma de ver esses detalhes do personagem ou da cena em questão.

Há sempre dois lados na moeda. E com esses materiais não é diferente. Duas hipóteses existem acerca destes materiais. A primeira é o risco que se tem de as crianças perderem o desejo e a capacidade de imaginação, tendo em vista que é muito mais simples você ter um pensamento já pronto ao invés de se dar o trabalho de tentar imaginá-lo, o que também poderá acarretar no não-desejo pela leitura do livro impresso. A outra hipótese é a de que os *MGNIs* podem facilitar ao educador, e aos pais, a missão de incutir na criança o gosto pelas histórias, o que pode fazê-la sentir desejo de ler o livro impresso.

A segunda hipótese supramencionada é defendida por José Paulo Paes, o qual intitula esse tipo de literatura como literatura de massa. O pensamento de Paes é mais bem

⁵ HQ's é a sigla que representa as histórias em quadrinhos.

compreendido nas palavras de Maria Cristina Tavela que em seus apontamentos enuncia que

De acordo com Paes (1990), no século XX, a literatura de massa (também considerada por ele como de entretenimento) fez aumentar “vertiginosamente” o seu público consumidor. Ela estimula o gosto e o hábito da leitura e “adquire o sentido de degrau de acesso a um patamar mais alto, em que o entretenimento não se esgota em si, mas traz consigo um alargamento da percepção e um aprofundamento da compreensão das coisas do mundo” (PAES, 1990, p. 28). Paes ressalta, ainda, que da massa de leitores da literatura de entretenimento é que surge a elite dos leitores da literatura “cultura” e que esta não pode dispensar ter ao seu lado aquela que seria o primeiro passo na formação do leitor (PAES *apud* TAVELA, 2013, p. 31).

Portanto, ao se levar em consideração o pensamento do autor, descrito pela autora, a literatura de entretenimento – como ele identifica – é capaz de desenvolver o gosto pela leitura impressa – ou literatura culta – conforme o autor, uma vez que ela pode ser um veículo de divulgação do livro impresso. Segundo Balogh (2005, p. 30), “é mais provável que o receptor seja primeiro um espectador e, posteriormente, um leitor”. De acordo com essa máxima, fica evidente que o espectador que tiver acesso ao material filmográfico que retrate uma história já contada em um livro impresso, certamente será um possível leitor dele.

4.4 Os livros, os filmes e a imaginação

Percebe-se que a leitura possui um papel crucial na formação integral do cidadão e o livro recebe grande destaque em relação a isso. Para Prado (1996, p.19), “o livro leva a criança a desenvolver a criatividade, a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico, a imaginação criadora, e algo fundamental, o livro leva a criança a aprender o português”. Portanto são múltiplas as funções de um livro e capazes de fomentar um desenvolvimento muito mais amplo no ser humano.

O que vale destacar na fala da autora é que, além das diversificadas funções, o livro ajuda a criança a desenvolver a imaginação criadora, a qual recebe notável importância nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, conforme texto extraído do próprio documento:

A imaginação criadora permite ao ser humano conceber situações, fatos, ideias e sentimentos que se realizam como imagens internas [...]. É a capacidade de formar imagens que torna possível a evolução do homem e o desenvolvimento da criança; visualizar situações que não existem, mas que podem vir a existir abre o acesso a possibilidades que estão além da experiência imediata (BRASIL, 1997, p.41).

A imaginação criadora pode ser desenvolvida através da literatura, uma vez que as histórias contadas, podem retratar momentos jamais vivenciados pelo leitor, o que o instigará a imaginar e conceber sentimentos e sensações. A leitura tende a ser algo imprescindível para o desenvolvimento da imaginação criadora, uma vez que ela tem o poder de levar o

leitor a se sentir participante de cenas apresentadas na história lida.

Para Sotta (2015, p. 156), “a literatura é a arte que utiliza a palavra como matéria-prima para compor um espaço, descrever um tempo, criar personagens, dar voz a uma entidade capaz de contar uma história, projetar imagens, transfigurar o mundo que nos cerca”. Portanto o autor retrata claramente a importância da literatura ao expressar que ela é fomentadora da criação, da imaginação, pois ela nos faz projetar imagens, nos faz transformar aquilo que nos cerca.

Já o cinema é visto por Brito (2006, p.135) como

uma arte heterogênea que soma características básicas das outras modalidades de arte existentes, um autêntico composto que sintetiza em si mesmo, entre outras coisas: a plasticidade da pintura, o movimento e o ritmo da música e da dança, a (pseudo) tridimensionalidade da escultura e arquitetura, a dramaticidade do teatro e a narratividade da literatura.

Se para a produção de uma obra literária é exclusivamente necessário o uso dos signos linguísticos, as produções cinematográficas, conforme o autor, requerem um desdobramento ainda mais intenso, tendo em vista que ele possui uma incorporação de diversos outros elementos. Johnson (2003, p.42) expõe claramente esses elementos ao afirmar que

Enquanto um romancista tem à sua disposição a linguagem verbal com toda a sua riqueza metafórica e figurativa, um cineasta lida com pelo menos cinco materiais de expressão diferentes: imagens visuais, a linguagem verbal oral (diálogo, narração e letras de música), sons não verbais (ruídos e efeitos sonoros), música e a própria língua escrita (créditos, títulos e outras escritas)

Cleomar Sotta faz um complemento muito coerente e plausível ao pensamento expressado pelo autor ao afirmar que

Entram em cena na produção de filmes a montagem, a sonoplastia, a interpretação dos atores, a cenografia, o figurino, as posições da câmera, a iluminação, o enquadramento das imagens. Por essa razão, diferentemente do labor solitário de um escritor, o cinema é uma arte coletiva, consequência do trabalho de um grupo de profissionais, sob a supervisão de um diretor, que dialoga com a equipe, orienta os atores, discute, modifica, analisa, aceita e refuta sugestões (SOTTA, 2015, p. 156).

Portanto, na produção de uma obra cinematográfica, as ideias, os roteiros, os detalhes, são todos montados a partir de uma equipe de profissionais, que discutem, revisam e detalham cada passo da história a ser desenvolvida. Essa coletividade, segundo o autor é o que difere o cinema da literatura. Na produção do filme é necessária a presença de um roteiro e, ao se retratar uma história já impressa em um livro, é necessário que o diretor procure tomar conhecimento de todo o roteiro contido no livro.

A grande questão é que a leitura promove diversas interpretações e cada ser humano é

capaz de imaginar a mesma cena de modos diferentes. Portanto se o autor ler um trecho da história impressa ele pode ter uma concepção completamente diferente daquilo que outro leitor possa ter. Tomando como exemplo um trecho de um dos livros, de uma das franquias mais populares entre os jovens, Harry Potter e a Pedra Filosofal, pode-se perceber claramente esse exemplo.

Se a motocicleta era enorme, não era nada comparada ao homem que a montava de lado. Ele era quase duas vezes mais alto do que um homem normal e pelo menos cinco vezes mais largo. Parecia simplesmente grande demais para existir e tão selvagem – emaranhados de barba e cabelos negros longos e grossos escondiam a maior parte do seu rosto, as mãos tinham o tamanho de uma lata de lixo e os pés calçados com botas de couro pareciam filhotes de golfinhos. Em seus braços imensos e musculosos ele segurava um embrulho de cobertores (ROWLING, 2000, p. 16).

Aqui fica retratado as diversas possibilidades imaginativas. O tamanho da motocicleta, o tamanho do homem que estava montado nela, a altura do homem, seu peso, sua cor, suas roupas etc. A imaginação a partir da leitura do livro pode ter uma enorme quantidade de versões, pois cada leitor vai interpretar e visualizar essas imagens de acordo com suas próprias concepções. Pedro Almodóvar explicita que “na literatura há mais amplitude para contar uma história, mais elementos. O fato de em um filme ter que se ver o que se está contando me parece que provoca certa limitação narrativa” (ALMODÓVAR, 2007, p.137).

Por causa dessa enorme possibilidade de criação contida nos livros e dessa certa limitação por parte dos filmes, expressa na fala do autor, fica evidente que o desenvolvimento da imaginação é muito mais efetivo quando se está fazendo uma leitura de um livro. Isso também não quer dizer que a obra cinematográfica seja ineficaz no que diz respeito à fomentação da imaginação, pelo contrário ela o é. O cinema na verdade proporciona uma imaginação mais direcionada, na qual o produtor do filme fornece imagens prontas, a partir das quais o leitor desenvolve uma imaginação paralela. Por esse motivo, na maioria das vezes, o que se leu no livro não é possível de se evocar, ao assistir, na produção cinematográfica que reconta a mesma história.

4.5 O mau uso dos MGNIS e suas consequências

Como diz o ditado popular tudo que é novo assusta. No que se refere ao uso de novas tecnologias em sala de aula, nas chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), muitos profissionais, já acostumados com a maneira tradicional de ensino, não buscam conhecimento e aperfeiçoamento na área, o que implica em uma ineptidão por livre predileção.

Uma das mais comuns, entre todas as tecnologias mencionadas anteriormente, são os televisores instalados nas salas de aula, os quais têm sido adquiridos pela maior parte das escolas do país. O televisor é, talvez, o mais requisitado dos dispositivos para a utilização dos MGNIs na escola, tendo em vista a facilidade e comodidade. Para que o educador trabalhe tais materiais, ele simplesmente precisa conectar um dispositivo de armazenamento, que possua esses conteúdos, em um dos periféricos de entrada da televisão e reproduzi-los.

A facilidade do uso da televisão tem levado grande parte dos professores a trabalharem com filmes voltados para o público infantil dentro das salas de aula. Entretanto, apesar de os *MGNIs* serem uma realidade presente no âmbito educacional, alguns profissionais não conseguem lidar corretamente com essas ferramentas para que o ensino se torne prazeroso e se consolide da melhor maneira possível.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa pauta-se no procedimento técnico pesquisa de campo. Este tipo de procedimento baseia-se em dados obtidos pelo pesquisador durante sua busca e é mais bem compreendido nas palavras de Severino (2007, p. 123):

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (*surveys*), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos.

Ao analisar a pesquisa de campo sob a ótica da visão do autor, nota-se que se trata de uma observação detalhada de eventos/ fenômenos que ocorrem em seu ambiente natural, os quais são passíveis de análise e interpretação por parte do pesquisador. É, portanto, uma investigação, uma experimentação de um fato ou evento que ocorre de maneira natural.

Como qualquer outro tipo de pesquisa, a de campo parte do levantamento bibliográfico. Exige também a determinação das técnicas de coleta de dados mais apropriadas à natureza do tema e, ainda, a definição das técnicas que serão empregadas para o registro e a análise (PRODANOV, 2013, p. 60).

A busca de conhecimentos que estejam diretamente ligados ao problema apresentado na pesquisa é a principal das ideias de um pesquisador ao ir a campo. A importância que se destaca da ida a campo é o confronto entre a prática e a teoria. É nesse contexto que o autor coleta evidências que sejam capazes de provar a veracidade da hipótese levantada ou sua refutação.

No que diz respeito ao método de pesquisa, trata-se do método indutivo, que conforme

Medeiros (2010, p. 31), “é um raciocínio em que, de fatos particulares, se tira uma conclusão genérica”. Diante da afirmativa do autor, é notório que o método indutivo pode ser traduzido como uma forma de previsão de ocorrência ou não-ocorrência de determinado fato ou evento observado de acordo com as peculiaridades das partes observadas.

Nos ditames referentes aos objetivos, utilizou-se o método de pesquisa exploratória. Andrade (2010, p. 112) classifica esse tipo de pesquisa como “o primeiro passo de todo trabalho científico”. São finalidades de uma pesquisa exploratória, sobretudo bibliográfica, proporcionar maiores informações sobre determinado assunto. A autora ainda complementa dizendo que “a pesquisa exploratória, na maioria dos casos, constitui um trabalho preliminar ou preparatório para outro tipo de pesquisa” (ANDRADE, 2010, p. 112).

Com relação à abordagem, caracteriza-se como pesquisa qualitativa. Esta, segundo Fonseca (2002, p. 20) é aquela que “se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros”.

Quanto à natureza, constitui-se em uma pesquisa aplicada. Este tipo de pesquisa é definido como aquela que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problema específico. Envolve verdades e interesses locais” (PRODANOV, 2013, p.51).

A pesquisa aplicada é voltada à busca de um estudo científico por parte do pesquisador, visando a solução de um problema concreto demonstrado inicialmente no trabalho. A pesquisa aplicada requer uma finalidade, a promoção de uma sugestão para solucionar o problema, servindo também como base para dar continuidade no estudo levantado.

5.1 Instrumento de coleta de dados

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram o questionário e a entrevista. O questionário é definido por Marconi e Lakatos (2003, p. 201) como “instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. A ideia de se omitir a presença do entrevistador é a de preservação do princípio da liberdade de opinião, tendo em vista a ausência de interferência ou indução de terceiros nas respostas dos pesquisados.

No que se refere a entrevista, é notório a flexibilidade que ela proporciona, pois há uma possibilidade de diferentes expressões do pensamento do entrevistado. Existem três tipos de entrevistas, a estruturada, a não-estruturada e a semiestruturada. Nessa pesquisa

científica o tipo de entrevista utilizada foi a não-estruturada, na qual, segundo Prodanov (2013, p. 106), “não existe rigidez de roteiro; o investigador pode explorar mais amplamente algumas questões, tem mais liberdade para desenvolver a entrevista em qualquer direção. Em geral, as perguntas são abertas”. Nesse tipo de entrevista, o entrevistado tem total liberdade para se expressar acerca de perguntas propostas pelo entrevistador.

5.2 Coleta dos dados

A coleta de dados foi realizada por meio de 85 questionários individuais para os alunos de 6º a 9º ano de duas escolas, uma da rede pública e outra da rede privada de ensino. Os questionários destinados aos alunos continham quatro perguntas, essenciais ao desenvolvimento dessa pesquisa. O questionário utilizado foi com questões fechadas, as quais “são objetivas, ou seja, o pesquisado escolhe suas respostas em um conjunto de elementos a serem assinalados” (CORDEIRO; MOLINA; DIAS, 2014, p. 151).

Os questionários foram aplicados em 03 turmas do ensino fundamental da rede particular e em 04 turmas da rede pública municipal de ensino, durante o mês de maio de 2017. Os questionários foram disponibilizados aos professores das turmas onde foram desenvolvidos os levantamentos de dados e entregues aos alunos para a inserção das respostas. Na escola particular foram entregues e respondidos pelos alunos, 45 questionários. Na escola pública municipal foram aplicados e respondidos 40 questionários.

Com os professores da rede pública municipal, o instrumento de pesquisa utilizado foi uma entrevista a qual objetivava o subsídio de opiniões por parte dos educadores, ante as respostas apresentadas nos questionários feitos aos alunos, acerca da metodologia aplicada na utilização dos Materiais Gráficos Não Impressos (*MGNIs*) em sala de aula. Tratava-se de uma entrevista estruturada, a qual tem seu roteiro pré-definido pelo entrevistador e permite a observância de esclarecimentos por parte do entrevistado, desde que sejam respeitados os limites do roteiro estabelecido (OLIVEIRA, 2011).

5.3 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram inicialmente alunos do 6º a 9º ano de duas escolas da rede municipal de ensino, sendo uma da rede pública e a outra da rede privada, escolhidas aleatoriamente no município de Lucas do Rio Verde, Estado de Mato Grosso. Também fazem parte dos sujeitos de pesquisa, cinco professores da rede municipal de ensino, os quais participaram, através de uma entrevista gravada, do processo de levantamento de dados.

Na escola pública um total de 40 alunos responderam aos questionários, sendo que desse total, a quantidade de homens era exatamente igual à de mulheres. Os alunos em sua absoluta maioria são de famílias oriundas da região norte e nordeste do país, conforme dados do próprio Projeto Político Pedagógico da escola.

Já na escola da rede particular de ensino, 45 alunos responderam as perguntas apresentadas nos questionários. Entretanto a porcentagem de alunos do sexo masculino é diferente da quantidade de mulheres, levando-se em consideração apenas os alunos que se identificaram, pois durante esse procedimento nove alunos se recusaram a identificarem-se. Dos 36 restantes, 63,9% são homens e 36,1% são mulheres, ou seja, 23 homens e 13 mulheres.

Durante a pesquisa pautou-se a necessidade de realizar uma entrevista com professores para que eles dissertassem acerca das respostas dos alunos, a fim de compreender suas perspectivas no tocante ao assunto. Por esse motivo, tal entrevista só foi realizada após a organização de todos os dados da pesquisa feita com os alunos.

5.4 Tratamento e análise dos dados

O tratamento de dados se deu a partir da identificação das respostas contidas nos questionários que haviam sido entregues aos alunos. Após o desenvolvimento escrito das informações contidas nos questionários dos alunos, foi feita uma análise interpretativa e posteriormente contabilizadas as alternativas escolhidas pelos educandos.

As entrevistas realizadas com os educadores da escola pública municipal foram inicialmente analisadas e somente depois transcritas para o trabalho. Devido à similaridade de resposta dos professores e para uma melhor delimitação do trabalho, a fim de fornecer uma leitura mais agradável, somente dois dos cinco depoimentos foram transcritos ao presente trabalho. Todas as entrevistas gravadas foram encaminhadas para um endereço eletrônico para que a credibilidade da pesquisa seja mantida.

Os dados auferidos nos questionários feitos com os alunos, foram contrastados, ao longo do texto, com uma outra pesquisa, a nível nacional, que mostra o retrato da leitura no Brasil. A pesquisa realizada pelo Instituto Pró Livro é uma referência no país, no que diz respeito à credibilidade e à quantidade de amostragem. Com a contemplação de um número maior e mais expressivo de pessoas, a possibilidade de se fazer uma análise e comparações, tornam ainda mais eficazes os resultados da pesquisa realizada nesse trabalho.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

6.1 A relação dos alunos com a leitura impressa

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública e em uma da rede privada, escolhidas aleatoriamente, na cidade de Lucas do Rio Verde-MT. Os questionários foram dirigidos a alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. O objetivo destes, era identificar se é possível afirmar que as crianças no futuro poderão perder o gosto pela leitura impressa. O questionário foi aplicado em seis turmas, sendo quatro em escola pública e duas em escola privada. Em cada sala foram aplicados dez questionários, para que a pesquisa apresentasse um resultado por meio de uma amostragem e não em sua totalidade.

A primeira pergunta feita aos educandos foi a seguinte: Quando surgiu o seu gosto pela leitura? O objetivo principal dessa pergunta era entender se a leitura vinha sendo trabalhada em casa, no seio da família, desde os primeiros anos de vida dos respondentes. Entre as opções a serem escolhidas pelos alunos estava: a) Até os 6 anos; b) A partir da alfabetização e c) Não gosto de ler. Essa sondagem inicial possibilitou a inserção de hipóteses que corroboraram para a consolidação da pesquisa.

Diante das respostas coletadas, percebe-se que os educandos começaram a gostar do ato de ler a partir da alfabetização, o que demonstra que os pais, na sociedade contemporânea, hipoteticamente não costumam ler com seus filhos e que esta incumbência tem sido passada para a escola.

O que mais assusta é a informação de que 16% dos alunos de escola particular afirmaram que não gostam de ler. Isso é algo que preocupa, pois o não-gosto pela leitura poderá afetar diretamente no desempenho linguístico e cognitivo desses educandos. E isso fica bem mais evidente ao analisar-se o que explicita Maria Helena Martins, ao sintetizar as duas características da leitura. A autora entende a leitura como:

1. Como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta/perspectiva behaviorista – skinneriana; 2. Como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica) (MARTINS, 1994, p.74).

Ainda no tocante ao desenvolvimento cognitivo, Gonçalves (2013, p. 12) entende que

os primeiros contatos das crianças com a leitura são de fundamental importância para suas percepções futuras, pois interferem na formação do ser humano crítico, capaz de encontrar as possíveis resoluções para os problemas sofridos pela sociedade, a qual se pertence.

Portanto a importância da leitura se reproduz no convívio social, pois a necessidade de deciframento do código linguístico e o domínio de tal, interfere em toda a cadeia de desenvolvimento do ser social. Daí se conclui a importância de se mediar esse processo, tendo convicção de que “[...] a mediação, quando promovida pelo professor, pelo bibliotecário, pela família, por um voluntário ou outro agente leitor é poderosa no despertar do interesse pela leitura” (FAILLA, 2016, p.25).

Em seguida os alunos foram questionados sobre quais literaturas costumam ler. Pode-se perceber que o gosto literário dos educandos, tanto da escola pública quanto da particular, é bastante similar: a maior parte dos alunos tem a tendência habitual de ler livros de ação e aventura, o que pode demonstrar ser um reflexo do livre acesso que esses alunos possuem, através da televisão, concedido pelos pais, aos filmes de ação e aventura.

Essa predileção literária seria facilmente atribuída, de forma empírica, ao gênero sexual dos alunos entrevistados, caso os homens fossem maioria. Entretanto na escola pública a proporção de alunos de ambos os sexos é exatamente igual e, surpreendentemente, o percentual é de 35% de um total de 40 alunos entrevistados. Portanto tal hipótese é praticamente impossível de ser sustentada.

Outra possibilidade é de que esse gosto por livros de ação e aventura seja reflexo da idade dos alunos, levando-se em consideração que durante essa faixa etária (adolescência), é comum o gosto por esse tipo de literatura, algo que é também apontado na pesquisa do Instituto Pró Livro (FAILLA, 2016).

Essa seria uma das hipóteses mais plausíveis, pois a idade tem sim a capacidade de influenciar o pensamento do ser humano, bem como suas ações. De acordo com Aberastury e Knobel (1989, p. 38), “a necessidade de intelectualizar e fantasiar acontece como uma das formas típicas de pensamento do adolescente”. Portanto a escolha por esses gêneros literários que aparecem entre a maioria das respostas dos alunos pode traduzir, em sua absoluta maioria, o que é próprio da idade, o desejo pela fantasia, a qual está diretamente ligada às literaturas escolhidas.

Sequencialmente os alunos foram questionados acerca da sua preferência ao conhecer uma nova história, se seria lendo um livro ou assistindo a um filme. Ao analisar as respostas, pode-se perceber que há uma disparidade de pensamentos no referente a esse questionamento, pois a maioria dos educandos entrevistados na escola pública preferem conhecer uma nova história lendo um livro, enquanto a maioria dos alunos entrevistados na

escola particular optam pelos filmes.

Levando-se em consideração o primeiro questionamento feito aos alunos, é possível associá-lo a esta realidade, pois 16% dos alunos entrevistados na escola particular afirmaram que não gostam de ler. O fato de não gostarem de ler pode estar sendo refletido nas respostas desta questão, pois se os alunos preferem um filme a uma leitura de um livro impresso, logo seu gosto pelo livro é quase nulo.

No que se refere a essa falta de gosto pela leitura, isso pode ser reflexo de alunos possuírem professores que não gostam de ler. Uma pesquisa recente do Instituto Pró Livro, revelou que um número expressivo de professores entrevistados, que não tem prazer na leitura. Failla (2016, p. 95) afirma que “é preocupante que 37% dos professores respondam que “gostam pouco” ou “não gostam de ler”.

O gosto preferencial ao conhecimento de uma nova história através de um filme é retrato da nova era tecnológica, o espaço-tempo em que estão inseridos. Houve uma significativa mudança no modo consumo das narrativas de ficção, onde o acesso aos conteúdos pode se dar por meio das tecnologias digitais, proporcionando a experiência do conhecimento do desfecho das histórias (GONNET, 2004). Essa facilidade em acessar o conteúdo das literaturas uma vez impressas, sem mesmo precisar folhear um livro, pode ocasionar a ausência de aspiração à leitura.

O último questionamento e, também a pergunta-chave desta pesquisa, foi se os alunos acreditavam que no futuro as pessoas preferirão conhecer histórias em filmes ou ler em materiais impressos.

Nos ditames referentes a essa pergunta, fica mais que visível o fato do crescimento do gosto pelos *MGNIs*. Tanto na instituição de ensino da rede pública quanto na escola da rede particular, a grande maioria dos educandos acredita que os livros irão perder espaço para os *MGNIs* e que no futuro as pessoas preferirão conhecer histórias em filmes, ao invés de ler em materiais impressos.

Diante das respostas dos alunos é importante ressaltar que o fato de as crianças deixarem de gostar da leitura de livros e darem preferência aos filmes que recontam a mesma história contida em materiais impressos, não necessariamente remonta um quadro desastroso, uma vez que esse espectador pode ser instigado a se tornar um leitor.

Ao se colocar a possibilidade de as pessoas perderem o gosto pelo livro impresso fica mais do que evidente o retratamento da máxima de que as tecnologias estão invadindo o espaço que antes era exclusivo dos livros. Causa um certo receio pensar nessa possibilidade,

tendo em vista que o livro é importante ferramenta, tanto na escolarização, quanto na educação do aluno; o livro é um facilitador do desenvolvimento integral do ser humano.

No entanto, um percentual tão baixo de alunos que responderam não gostar da leitura é possível perceber que ainda existem muitos leitores e, portanto, uma grande possibilidade de fomentação da leitura através da escola. A instrumentalização de práticas de leitura pode, inclusive fazer com que os espectadores-leitores, aqueles preferentes de que uma história que já foi impressa em livros seja contada através de filmes, tornem-se efetiva e exclusivamente leitores.

6.2 Os professores e o uso dos MGNIs

Durante a construção desse trabalho acadêmico, após a coleta de resultados dos questionários feitos aos alunos, tomando por base suas respostas, os professores foram questionados sobre seus desempenhos referentes à metodologia aplicada aos materiais em pauta. Nas respostas dos professores é possível perceber detalhadamente como têm sido utilizados esses materiais em sala de aula. Apenas dois relatos foram selecionados, tendo em vista a similaridade na forma de trabalhar dos professores. As duas pessoas entrevistadas foram ambas do sexo feminino.

Uma das professoras afirmou que utiliza os *MGNIs* de maneira a fazer um paralelo com os livros. A docente, que ministra aula aos anos finais do ensino fundamental, fez a seguinte afirmação: “No dia a dia eu procuro utilizar os filmes para fazer adaptação e também trago a obra para que os alunos vivenciem a experiência da leitura, tudo de uma forma pedagógica, com planejamento. Dessa forma os alunos interagem bastante, tanto com a obra escrita e a obra cinematográfica”.

Também a educadora que ministra aulas aos anos iniciais do ensino fundamental compreende a importância do trabalho de associação desses materiais com a literatura. A docente afirma: “Eu procuro utilizar, na maioria das vezes como forma pedagógica. Vou trabalhar um conto, então em cima daquele conto, eu posso apresentar um material visual, um filme. Em cima daquele filme trabalhar toda a questão de interpretação, de produção, de escrita, de reinventar uma nova história, modernizar uma nova história. Mas algo como entretenimento, claro a gente usa também”.

O que se percebe na fala das educadoras é que ambas utilizam os materiais em discussão, entretanto a visão de cada uma é diferente em relação a esses materiais. A educadora que ministra aula nas séries finais do Ensino Fundamental procura trabalhar o

livro de forma associada aos filmes, o que produz uma interação por parte dos alunos, tanto nos materiais gráficos impressos (livros), quanto nos materiais gráficos não-impressos (filmes). O resultado dessa interação é o desenvolvimento da leitura da obra impressa, o que pode fazer com que o aluno venha a despertar o gosto pela leitura, mesmo que o tenha perdido ao longo dos anos anteriores.

A educadora que ministra aulas nos anos iniciais do Ensino Fundamental trabalha de forma independente cada material, mas fazendo uma ligação entre eles. Entretanto o que se percebe na fala da docente é o desconhecimento dos materiais em questão, pois a mesma utiliza os filmes como meros complementos para atividades, o que não proporciona a curiosidade em conhecer a história impressa, que seria uma das principais funções a serem observadas nesses materiais.

Ao colocar que utiliza esses materiais como entretenimento, mas que apesar disso faz o uso de forma pedagógica, percebe-se nitidamente que o trabalho com esses materiais tem-se dado de maneira negligenciada, uma vez que esses materiais, em sala de aula, não podem ser vistos como mero entretenimento, pois esses materiais podem ser excelentes ferramentas, principalmente nos anos iniciais, nos quais a educadora ministra aulas, como fomentadores da imaginação, a qual tem enorme importância na formação integral do ser humano.

Nem todos os alunos têm propensão a serem leitores assíduos e o mau uso dos *MGNIs* pode significar a perda de uma enorme oportunidade de formação de um leitor. Sabendo de todos os benefícios que a leitura proporciona, fica claro que essa perda também irá refletir em toda a trajetória de vida do aluno.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração os dados obtidos na pesquisa de campo que fora realizada, certamente é possível afirmar que as crianças no futuro poderão perder o gosto pela leitura impressa; não a totalidade de crianças, pois sempre existirão os remanescentes pueris, aqueles que adoram manusear, analisando cada detalhe, as páginas coloridas e animadas de um bom livro infantil. Entretanto, uma parcela enorme de crianças, adolescentes e jovens está constantemente perdendo o gosto pela leitura de livros impressos e despertando uma certa predileção pelo material gráfico não-impresso (*MGNI*).

Com a análise histórica da literatura infantil tornou-se possível o conhecimento dos diversos períodos que marcaram o início e o desenvolvimento desses materiais. Além disso, essa busca histórica possibilitou conhecer o surgimento dos *MGNIs*, possibilitando a

contrastação entre os materiais estudados e entendendo suas peculiaridades e influências no desenvolvimento linguístico do ser humano como um todo.

A pesquisa retratou o que boa parte da comunidade acadêmica e dos docentes já tinha noção que era uma realidade: o fato de os pais não terem tempo para ler com seus filhos, ocasionando a falta de desejo, por parte de alguns alunos, pelo ato e o hábito da leitura. Ao responderem em sua absoluta maioria que a leitura nos livros impressos poderá ser substituída pelos *MGNIs*, as crianças estão relatando que os materiais impressos estão sendo deixados de lado em suas vidas. Seus pais provavelmente já não leem com elas, pois não têm tempo; precisam ganhar mais dinheiro a todo custo e preferem colocar aparelhos modernos nas mãos dessas crianças a ler um livro juntamente com elas. Compram infinidades de filmes e colocam a criança para assistir, na intenção de entretê-las para que elas não os incomodem.

A escola poderia ser a solução para esse não-gosto pela leitura, afinal de contas as crianças passam boa parte do seu tempo nessas instituições, mas acredite, não tem sido; não em um todo. A escola tem seguido a mesma ideia dos pais. Alguns professores, ao invés de apresentarem uma nova história, através da contação dessas, preferem mostrar uma produção filmográfica dessa mesma história, pois isso prende a atenção das crianças e faz com que elas fiquem quietas. Essa atitude, por parte de alguns educadores - que foi observada pelo pesquisador nos contatos que teve com a escola quando da realização de seus estágios curriculares e que pode ser constatada em falas dos professores entrevistados - é algo que vai definhando o gosto da criança no tocante ao ato de ler. Uma visão completamente equivocada, diga-se de passagem, pois a maior das virtudes de um educador é fazer com amor e dedicação aquilo que lhe é proposto, o ensinar.

A escola precisa se adequar ao modelo tecnológico que cerca o seu ambiente. Os tempos mudaram e é essencial que a escola acompanhe os avanços sociais para que o aprendizado dos alunos se efetive da maneira mais produtiva possível. É necessário aproveitar bem todas as tecnologias disponíveis e aprender a cada dia a moldar as metodologias de ensino de acordo com o presente.

O fato é que os *MGNIs* são uma realidade que os professores do século XXI precisam tomar ciência de que existem e que daqui por diante só tendem a ganhar mais espaço. O educador precisa estar preparado para lidar com estas novas ferramentas de trabalho, afinal se a educação evoluiu, o educador não pode ficar obsoleto. Que os docentes que estão surgindo tenham ciência de que criança não é um objeto, nem uma pedra no sapato, criança

é um ser magnificente e extraordinário que precisa da ajuda de um bom e verdadeiro educador para se tornar um grande ser humano, capaz de mudar o mundo.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Trad. S. M. G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ALMODÓVAR, Pedro. **Depoimentos**. In: BRITO, José Domingos de (Org.). **Literatura e cinema**. São Paulo: Novera, 2007. p. 30-109.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**–10ª ed.– São Paulo: Atlas, 2010.

ANTUNES, Celso. **Projetos e práticas pedagógicas na Educação Infantil**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BALOGH, A. M. **Conjunções, Disjunções, Transmutações**: Da Literatura ao Cinema e à TV. 2ª Edição revisada e ampliada–. São Paulo: Annablume, 2005.

BARTHES, Roland. **Introdução à Análise Estrutural da Narrativa**. In: Análise Estrutural da Narrativa. Petrópolis, Vozes: 1973

BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. **Neurociências**: desvendando o sistema nervoso. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte. Vol. 6. (org.). (1ª a 4ª série)**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRITO, João Batista de. **Literatura no cinema**. São Paulo: Unimarco, 2006.

CHALTON, Nicola; MacARDLE, Meredith. **A história do século 20 para quem tem pressa**. 1 edição. Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

CORDEIRO, Gisele do Rocio; MOLINA, Nilcemara Leal; DIAS, Vanda Fattori. **Orientações e dicas práticas para trabalhos acadêmicos**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**: Das Origens Indo-européias e Brasil Contemporâneo. São Paulo: Editora Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil** –7ª ed.– Rio de Janeiro: Editora Distribuidora de Livros Escolares, 1972.

COSTA, Marcos. **A história do Brasil para quem tem pressa**–1ª ed. –Rio de Janeiro: Valentina, 2016.

- FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil**–4ª ed.– Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. **Métodos de Pesquisa**: 1ª ed. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2009.
- GONÇALVES, Debora Souza Neves. **A importância da leitura nos anos iniciais escolares**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, 2013. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8049-leitura-literatura-e-cinema-na-sala-de-aula-uma-cena.pdf>
- GREGORIN, J. N. **Literatura Infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramento, 2009.
- IZQUIERDO, Ivan. **A Arte de Esquecer**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2004.
- JOHNSON, Randal. Literatura e cinema, diálogo e recriação: o caso de Vidas Secas. In: PELLEGRINI, Tânia et all. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Editora SENAC, Instituto Itaú Cultural, 2003.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos velhos na Polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.
- KRAMER, Sonia. **A Política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. – 5ª edição – São Paulo: Cortez, 1995.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: História e Histórias. São Paulo: Editora Ática, 1984.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: História e Histórias. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 11ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**–5ª ed.– . São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MUNSTERBERG, Hugo. **A atenção**. In: XAVIER, I. (Org.) **A experiência do cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrasilme, 2003. P. 27-35.
- Gonnet. Jacques. Educação e mídias. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011. 72 p.: il. Disponível em: <https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf>

PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de línguas na literatura**: O que o adulto escreve, a criança lê. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

PRADO, Maria Dinorah Luz do. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PRODANOV, Cléber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar: **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]** : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2ª ed.– Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1960.

ROWLING, Joanne. K. Harry Potter e a Pedra Filosofal. Rio de Janeiro: Rocco, v. 1, 2000.

SABADIN, Celso. **A história do cinema para quem tem pressa**–1ª ed. –Rio de Janeiro: Valentina, 2018.

SANTANA, Ivani. **Dança na cultura digital**. Salvador: EDUFA, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO**–23ª ed. rev. e atual.– São Paulo: Cortez, 2007.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Trad. Daise Batista. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1989.

SOTTA, Cleomar Pinheiro. **Das letras à tela [recurso eletrônico]**: a tradução intersemiótica de ensaio sobre a cegueira –1ª edição– São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

TAVELA, M. C. W. **Letramento literário no ensino médio**: análise das experiências de ensino de literatura no Colégio de Aplicação João XXIII. 2013. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

VASCONCELOS, José Antônio. **Fundamentos Filosóficos da Educação**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

VYGOTSKY, Lev S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. Trad. Zoia Prestes e Voobrajenie e Tvortchestvo e Detskom Vostraste. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11 ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.

